

BULLYING: VIOLÊNCIA ENTRE PARES QUE CAUSA MAL ESTAR NA COMUNIDADE ESCOLAR

BULLYING: VIOLENCE BETWEEN PAIRS THAT CAUSES ILL BE IN THE COMMUNITY SCHOOL

Sílvia Maria da Cruz Fonseca¹
Eniel do Espírito Santo²

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo apresentar reflexões acerca do comportamento agressivo entre estudantes, denominado comumente como *bullying*, o qual tem se tornado um problema mundial e ocupado, de maneira crescente, as páginas da imprensa falada e escrita. Estudantes sofrem, todos os dias, com esse tipo de violência, muitas vezes mascarada na forma de brincadeiras inofensivas, portanto, justifica-se identificar tais condutas visando a promoção de ações pedagógicas que possam disseminar uma cultura de paz no âmbito educacional. Trata-se de um estudo de cunho bibliográfico, subsidiado por uma pesquisa com abordagem qualitativa no formato de relato de experiência, que busca verificar quais são, na visão de alguns estudantes da rede privada e pública de ensino, as práticas de violência vivenciadas no interior da escola, identificando-se aquelas que poderiam ser caracterizadas como *bullying*, e averiguando se o projeto político pedagógico da unidade de ensino contempla propostas concretas para minimizar ou erradicar o problema da violência no ambiente escolar. Conclui-se que as equipes educacionais pesquisadas não contemplam em seus planejamentos a análise e prevenção da violência, apesar de elencar estratégias de intervenção para trabalhar, como mediadoras, na construção de relações mais respeitadas na comunidade escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Estudantes. Violência. *Bullying*.

ABSTRACT: This paper aims to present reflections on aggressive behavior among students commonly known as *bullying*, which has become a global problem and so busy growing the pages of the print and broadcast media. The students suffer every day, with such violence, often masquerade as harmless pranks, therefore, justified to identify these behaviors in order to promote educational activities that can spread a culture of peace in the educational field. This paper is a literature review, supported by a qualitative research in a reporting experience format, seeking to verify which would be, in the view of some students from private and public schools, the practices of violence experienced within the school, identifying those that among these practices could be characterized as *bullying*, and examining whether the political pedagogical project of teaching unit includes concrete proposals to minimize or eradicate the problem of violence in the school environment. We conclude that educational teams researched do not consider in their planning the analysis of the violence prevention, despite to list intervention strategies to work as a mediator, in building more respectful relationships in the community school.

KEYWORDS: Education. Students. Violence. *Bullying*.

¹ Especialista em Psicologia Social e em Gestão Escolar: Coordenação Pedagógica. Docente no curso de Formação em Coordenação de Grupos Operativos. E-mail: silviafonseca2002@hotmail.com

² Doutor em Educação. Professor universitário e gestor educacional. Docente nos cursos de pós-graduação presencial do Centro Universitário Internacional Uninter. E-mail: enielsanto@gmail.com

Introdução

O elevado grau de competitividade reinante no século XXI amplia a demanda por um maior número de conhecimentos e, em decorrência disso, a educação vem sendo eleita como o veículo primordial para fazer frente às mudanças que ora se instalam nos mais diversos segmentos da sociedade. Conforme Moraes (2001), a educação torna-se, nesse contexto, uma mercadoria, um produto a mais entre os muitos a serem consumidos, mediante a introdução de mecanismos de mercado no financiamento e gerenciamento de práticas educacionais.

Assim, para que os jovens possam desenvolver habilidades exigidas cada vez mais pelo mercado de trabalho, devem adquirir diversas competências – valor agregado a um processo que, no entanto, não é o mesmo para todos, exigindo níveis cada vez mais altos de aprendizagens, posto que certas competências estão inseridas num domínio teórico-metodológico (MORAES, 2001, p. 7).

Com isso, o sistema educacional, sofrendo pressão para construir ou consolidar escolas mais eficientes e aptas para preparar as novas gerações, permite a criação de modelos prontos de conhecimento, de acordo com os indicadores de desempenho e aceitação no mercado e a aceleração crescente do processo de privatização e empresariamento do ensino, instaurando um clima propício à desagregação do ambiente acadêmico. Nesse processo, o atual sistema educacional tem tratado cada vez mais os alunos como produtos (representados pelas notas) e geralmente se dá preferência à quantidade, conforme determina o currículo, à custa da qualidade da informação (BEAUDOIN; TAYLOR, 2006, p.34).

De acordo com Fante (2005), a ausência de modelos educativos humanistas, capazes de estimular e orientar o comportamento de crianças e adolescentes para a convivência social e para seu crescimento moral, fatores indispensáveis ao sucesso do processo socioeducacional, tem induzido o educando ao caminho da intolerância, que se expressa, muitas vezes, pela não aceitação das diferenças pessoais inerentes a todos os seres humanos. Vive-se, na atualidade, o desafio permanente de se conviver com outras pessoas que não comungam das mesmas ideias e nem de valores em comum, e, ainda assim, é preciso que essas sejam legitimadas nas suas diferentes formas de pensar e agir.

Diante desse quadro, segundo o Observatório da Infância (LOPES NETO; MONTEIRO FILHO; SAAVEDRA, 2007), emerge, muitas vezes, no cenário escolar, um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, denominado costumeiramente como *bullying*, que ocorre sem motivação evidente, de forma velada ou explícita, adotado por um ou mais indivíduos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento. Tais atitudes, que começam frequentemente pela recusa da aceitação de uma diferença, seja ela qual for, mas sempre envolvendo religião, raça, estatura física, peso, cor dos cabelos, deficiências visuais, auditivas e até mesmo vocais, amplia-se para a não aceitação também das diferenças de ordem psicológica, social, sexual e física.

A constatação dessas diferenças faz surgir conflitos interpessoais de convivência, e os métodos utilizados para solucioná-los são aqueles aprendidos nas vivências experienciadas no modelo educativo a que o aluno foi submetido, que quase sempre é expresso pela imposição de autoridade e pelo emprego de vários tipos de atitudes e linguagens violentas para fazê-lo obedecer (FANTE, 2005).

Nesse íterim, surge o seguinte questionamento: como combater a violência entre pares, o *bullying*, vivenciada no ambiente escolar, que vem impactando a vida e a aprendizagem de vários alunos? Para o cumprimento da finalidade acima proposta, esta análise configura-se como uma pesquisa exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa, visando identificar em duas escolas não apenas as práticas de *bullying*, mas também a forma como tais práticas ocorrem, verificando se são apresentadas propostas pedagógicas que possam ajudar a disseminar uma cultura de paz e de aceitação do diferente no âmbito educacional.

Destarte, o presente trabalho objetiva, também, demonstrar como as equipes gestoras dessas unidades escolares enfrentam o imenso desafio que é contemplar ações que privilegiem as relações

interpessoais no cotidiano escolar e, para isso, algumas reflexões aqui apresentadas, advindas das experiências vividas, serão compartilhadas, para que se possa perceber se os documentos norteadores da gestão pedagógica contemplam a análise e prevenção da violência.

Pretende-se, igualmente, promover uma reflexão sobre a contribuição de estratégias familiares contra o *bullying*, não só ajudando a reduzir seu surgimento, mas tornando o ambiente escolar mais seguro e solidário, capaz de gerar cidadãos conscientes do respeito à pessoa humana e suas diferenças.

A violência como parte da vida cotidiana

Para Zaluar e Leal (2001), a discussão sobre a violência no Brasil adquiriu grande importância nos últimos anos, passando a mobilizar, cada vez mais, não apenas os cientistas sociais, filósofos, economistas e juristas, mas principalmente os pedagogos e profissionais da educação, cujo interesse na temática levou à sua investigação, pois não é mais possível ficar alheio ao crescente papel que a violência vem desempenhando em toda a sociedade. A persistência de atos agressivos na vida cotidiana das pessoas e o surgimento de novas modalidades de agressão e a sua ocorrência em locais e instituições sociais, onde tradicionalmente eram pouco frequentes, como nas escolas e nas famílias, suscitam uma preocupação crescente na maior parte dos cidadãos (ABREU, 1996, p.89).

Grande parte dos cidadãos comuns inquieta-se, formula queixas e, eventualmente, aguarda que os responsáveis pelo gerenciamento das cidades, os agentes políticos, tomem providências cabíveis e capazes de diminuir os atos violentos, que busquem apurar, com justiça, para posterior punição, seus autores. Recentemente, por exemplo, o Brasil estremeceu-se com uma demonstração de violência e frieza ao vir a público o assassinato e esquartejamento, na cidade de São Paulo, do empresário e diretor executivo das empresas Yoki, Marco Matsunaga, 42 anos, pela própria esposa, Elize Matsunaga. Como justificativa para tão bárbaro crime, ela alegou que o marido a traía e que ameaçou tirar a guarda da filha de apenas um ano de idade (CARAMANTE, 2012).

Percebe-se, com isso, que estamos vivenciando momentos de barbárie em que atitudes atroz e violentas, tais como a citada, são perpetradas a cada instante, numa demonstração da forma banal como vem sendo considerada a vida humana, naturalizando comportamentos e práticas perversas que culminam com o medo, a insegurança e o sentimento de impotência que acomete cada vez mais a sociedade civil.

Em relação ao crescimento da violência no Brasil, estudos realizados por Cruz Neto *et al* (1999 *apud* RISTUM, 2005) indicam que o aumento de atos violentos perpassa por uma complexa constelação de fatores, assim denominados:

- **fatores econômicos** (relacionados à pobreza, fome e criminalidade). Segundo os autores, a miséria conduz ao desemprego e à desigualdade social, provocando frustrações que conduzem ao crime, entre eles, o roubo;
- **fatores institucionais** (relacionados à omissão do Estado na prevenção e repressão da violência). De acordo com os autores, a deficiência do sistema escolar, a falta de moradias, de investimento na saúde e em transportes públicos contribuem amplamente para o aumento da violência urbana;
- **fatores culturais** (choques que emergem entre duas culturas: uma de primeiro mundo, rica e branca e outra de terceiro mundo, pobre e negra). Para os autores, a miscigenação não tem dado conta de superar os contrastes e discriminação existentes;
- **demografia urbana** – a explosão demográfica gera pressões sobre a infraestrutura e orçamentos e acirra a competição por empregos;
- **meios de comunicação** (assumem o papel de formadores de opinião num país onde a escola há muito deixou de exercer esse papel). Segundo os autores, a televisão coloca, algumas vezes, delinquentes na categoria de heróis, além de apresentar modelos de violência em filmes e novelas.

No entanto, Ristum (2005) chama a atenção para o fato de que, apesar de Cruz Neto *et al* (1999) apontarem para fatores de grande relevância no que se refere ao quadro da violência no Brasil, a separação desses fatores e seus respectivos rótulos não deixa claro o tipo de organização que se pretendeu imprimir às causas da violência, ressaltando, ainda, que os autores não fazem nenhuma referência a causas pessoais, a não ser decorrentes das causas contextuais.

Ainda para Ristum (2005) uma tentativa de sistematizar a variedade e quantificar as causas da violência foi classificá-las em função de como o ambiente em que elas se encontram estão relacionados aos que praticam a violência. Dessa forma, estabelecem-se duas grandes categorias: causas contextuais e causas pessoais. As causas contextuais foram divididas em duas subcategorias: causas contextuais distais e contextuais proximais:

1. **causas contextuais distais** – aquelas produzidas pela conjuntura econômica, social, política e cultural, a exemplo da pobreza, miséria, fome, desemprego, violação de direitos humanos, má distribuição de renda, exclusão social, impunidade de criminosos, cultura da violência, autoritarismo e abandono de crianças;
2. **causas contextuais proximais** – são eventos relacionados à violência que estão presentes no ambiente e com os quais os indivíduos praticam a violência em contato direto, a exemplo de modelos de violência em casa, na rua e nos meios de comunicação, desestruturação familiar e o uso predominante de punição para promover a disciplina.

As causas pessoais, próprias dos indivíduos que praticam a violência, podem ser exemplificadas por consumo de drogas, álcool, desequilíbrio emocional, questões passionais, estresse, temperamento, natureza ou índole da pessoa (RISTUM, 2005).

Mas como essa violência vem se manifestando no contexto escolar? De acordo com Camacho (2001), a instituição escolar tem se ressentido dos limites da socialização por não estar conseguindo atuar nos dois mundos: o pedagógico e o relacional, mundos estes que residem dentro do âmbito escolar. E a falta de alcance da ação pedagógica até o ambiente relacional promove brechas que permitem aos alunos a construção de experiências violentas, como o *bullying*.

BULLYING: lidando com o desrespeito

Na atualidade, o *bullying* é um tema que vem despertando um interesse crescente para os profissionais da área da educação. Todos os dias, estudantes em qualquer parte do mundo sofrem com algum tipo de violência que vem mascarada na forma de “brincadeiras”. Pesquisas, no entanto, revelam que esses comportamentos podem acarretar sérias consequências para o desenvolvimento psíquico desses estudantes. Em todo o mundo, as taxas de prevalência do *bullying* revelam que entre 5% a 35% dos estudantes estão envolvidos, direta ou indiretamente, nesse fenômeno (REBELO JÚNIOR, 2005).

Bullying é um termo de origem inglesa, utilizado para descrever atos de violência física, psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo ou grupo de indivíduos com o objetivo de intimidar ou agredir outrem, incapaz de se defender; dessa forma, o conceito de *bullying* refere-se a atitudes de intimidação, agressão física e abuso sistemático de poder (LOPES NETO; MONTEIRO FILHO; SAAVEDRA, 2007).

Alguns estudos têm sido formulados e direcionados para o levantamento, de forma quantitativa e qualitativa, desse fenômeno no cotidiano escolar, que tem adquirido proporções alarmantes não só pelo seu crescimento, como por também atingir faixas etárias cada vez mais baixas, relativas aos primeiros anos de escolaridade. De acordo com Carneiro (2011, p. 63), “dados recentes apontam no sentido da disseminação deste fenômeno por todas as classes sociais e uma tendência para um aumento rápido desse comportamento com o avanço da idade, da infância à adolescência”.

Segundo Ballone (2005), o *bullying* se encontra presente, possivelmente, em diversos comportamentos, tais como colocar apelidos, ofender, zoar, gozar, sacanear, humilhar, discriminar, excluir, isolar, intimidar, perseguir, assediar, aterrorizar, amedrontar, dominar, agredir, bater, chutar, empurrar, ferir, roubar, quebrar pertences, podendo também ser praticado por meio eletrônicos, pois se tornou comum a circulação de mensagens difamatórias ou ameaçadoras por e-mails, sites, blogs e celulares denominadas como *cyberbullying*.

Nessa perspectiva, para Wendt, Campos e Lisboa (2013) as formas mais comuns de *cyberbullying* ocorrem, geralmente, através do envio de *e-mails*, mensagens de texto, divulgação de fotos e vídeos ofensivos, manipulação de imagens, insultos em salas de bate-papo ou em redes sociais e esses ataques adquirem um caráter de permanência, diferentemente do *bullying*, uma vez que usuários no mundo inteiro podem, a qualquer tempo, assistir, compartilhar e salvar em seus computadores manifestos de *cyberbullying*.

O contexto atual em que vivemos promove o acesso permanente a ambientes e instrumentos tecnológicos, tais como *smartphones*, *tablets*, *notebooks* dentre outros, que facilitam a disseminação das informações, mas segundo Wendt, Campos e Lisboa (2013) o anonimato que perpassa muitos dos atos de agressão virtual, associado à rapidez com que ocorrem, serve de sustentação para que esse problema venha se agravando de forma assustadora e é preciso encontrar um ponto de equilíbrio entre as responsabilidades pessoais e a liberdade que as novas tecnologias podem oferecer.

No entanto, apesar da disseminação sem precedentes dessa prática, que causa um intenso mal estar na comunidade escolar, é possível perceber que este ainda é um tema que tem estado ausente em grande parte das discussões pedagógicas, ainda que tal situação venha sendo denunciada e um número maior de ações tenha sido realizado para coibir tal comportamento nas escolas e universidade, como a criação de comunidades nas redes sociais, veiculação na mídia impressa e televisiva de reportagens sobre o tema e a formação de grupos e implantação de programas para o combate ao *bullying* (PALÁCIOS; REGO, 2006).

Urge que sejam implementadas medidas ou ações que visem o respeito e à tolerância e possam contribuir para o enfrentamento dos problemas relacionados ao *bullying*, pois este, com suas atitudes potencialmente perversas, torna o ambiente escolar contaminado, desconhecendo o direito de toda criança e adolescente a frequentar uma escola segura e solidária, capaz de gerar cidadãos conscientes do respeito à pessoa humana e às suas diferenças (LOPES NETO; MONTEIRO FILHO; SAAVEDRA, 2007).

Cultivando o respeito e a tolerância na escola: gentileza na convivência, uma dimensão da potencialidade humana

A escola é um lugar privilegiado para refletir sobre questões que envolvem crianças e jovens, bem como as relações que se dão na sociedade (MARRIEL *et al*, 2006). Nesse sentido, cabe à instituição escolar não apenas refletir e discutir a violência entre pares, que vem afligindo os cidadãos de forma geral, mas analisar também os efeitos que comportamentos violentos e agressivos geram naqueles indivíduos que sofrem *bullying*, tais como: estímulo à vingança, medo, frustração, vergonha e tentativas, muitas vezes com êxito, de suicídio.

Infelizmente, aumentaram as estatísticas de suicídio entre jovens que sofrem *bullying*, e exemplo disso foi quando o mundo assistiu chocado o relato postado na internet da mais recente vítima do *cyberbullying*, a jovem Amanda Todd, canadense de 15 anos, encontrada morta em sua casa no dia 10 de outubro de 2012, um mês depois de postar um vídeo em que contava sua história de agressões e discriminação feita pelos colegas, pedindo ajuda. Santander *et al* (2013) apontam que tais casos aumentam sendo que os autores, nem sempre, são conscientes do dano psicológico que infligem às suas vítimas e aqueles que desejam prestar ajuda, tampouco sabem como fazer para frear a difusão das fotos ou de vídeos não autorizados das vítimas.

Segundo Marriel *et al* (2006), a escola é um universo onde a socialização, a promoção da cidadania, a formação de atitudes, opiniões e o desenvolvimento pessoal devem estar presentes, atendendo a todos os estudantes. Portanto, é fundamental que se construa o espaço escolar não apenas como local em que se possam ensinar os previstos conteúdos programáticos, mas também como o lugar onde se eduquem crianças e adolescentes para a prática de uma cidadania justa (LOPES NETO, 2005).

Santander *et al* (2013) apontam que graças a tecnologia contamos com a informação instantânea, no entanto a forma como utilizaremos esses recursos e filtraremos a imensa quantidade de dados depende dos usuários. Sabemos da importância para as crianças e adolescentes do estabelecimento de interações pautadas na amizade, na solidariedade, na união e tolerância e muitas vezes é no espaço escolar que esses jovens desenvolvem valores e vínculos afetivos que os permitirão enxergar os outros como pessoas, apesar das barreiras que porventura possam existir (BEAUDOIN; TAYLOR, 2006, p. 134).

No ambiente da sala de aula convivemos permanentemente numa relação de diálogo com a diversidade, já que cada integrante que compõe esse universo plural possui uma história, um estilo de pensamento, sentimento e ação que interatuam numa complexa rede de relações, em que se afetam mutuamente e têm possibilidades de transformação (CUNHA; LEMOS, 2010, p.48).

Diante desse cenário, tão rico pela diversidade presente e ao mesmo tempo tão complexo, é necessário exercitar a aceitação do diferente, cultivando o respeito e a tolerância. De acordo com Braga (2010), pessoas gentis criam laços, interagem, estabelecem trocas com o outro e cultivam a formidável capacidade de aceitar aquilo que contraria suas próprias opiniões pessoais, já que é na rotina que as diferenças ficam sobressalentes e, algumas vezes, chegam a ser gritantes, incomodando-nos de forma, às vezes, perturbadora.

Nesse sentido, qual seria o papel do Projeto Político Pedagógico (PPP) na escola, proposto pela equipe gestora das unidades escolares? É de conhecimento comum da sociedade que a proposta pedagógica de uma unidade escolar define os caminhos que determinada comunidade busca para si e para quem se agrega a seu entorno. A fim de que o PPP não fique apenas no campo das ideias, e para que mudanças efetivas ocorram, este deve possuir elementos significativos e prever ações capazes de intervir na realidade daquela comunidade (ZANINI, 2008).

Não é possível esquecer que o projeto pedagógico de uma escola necessita ser avaliado de forma contínua e sistemática, sendo possível, por meio dessa avaliação, identificar os rumos que a escola irá tomar e assim criar estratégias e atuações que atendam aos desafios surgidos, assim como dar continuidade às ações pedagógicas que estão alcançando bons resultados na promoção da cidadania e do desenvolvimento pleno dos estudantes (PINTO, 2010).

Nesse íterim, desde sua concepção até sua construção, o PPP constitui-se na identidade da escola e deve ser visto como instrumento de organização da gestão e da comunidade escolar, incluindo sua relação com o contexto social a que essa unidade pertence. Ele será o resultado de reflexões e questionamentos de seus profissionais sobre o que é a escola hoje e o que poderá vir a ser e, acima de tudo, visa a inovar a prática pedagógica, buscando com isso elevar a qualidade de ensino (PINTO, 2010).

Diante do quadro ora apresentado, no qual o crescimento sem precedentes da violência entre pares, vivenciada no ambiente escolar, vem impactando a vida e a aprendizagem dos alunos, indaga-se: quantas e quais ações educativas e de promoção a uma educação para e pela paz vêm sendo desenvolvidas ou até mesmo pensadas neste, que é um dos documentos norteadores da gestão das unidades escolares? Na construção do seu planejamento, os gestores educacionais têm escolhido e definido ações que, ao serem implementadas e executadas, irão contribuir para desenvolver o respeito e a tolerância e ofertar uma educação que preze a inclusão do diferente e o respeito à pessoa humana e a sua singularidade?

Relato de experiência

A experiência aqui apresentada consistiu em verificar quais seriam, na visão dos estudantes do ensino fundamental e do ensino médio, as práticas de violência vivenciadas no interior de suas escolas, identificando também quais, dentre essas práticas, poderiam ser caracterizadas como *bullying* e, por fim, averiguar se o projeto político pedagógico – instrumento consistente da gestão escolar – contemplava propostas pedagógicas concretas para minimizar ou erradicar o problema da violência no ambiente escolar.

Foram selecionadas duas escolas, sendo uma pertencente à rede privada de ensino (denominada Escola A) e outra da rede estadual (denominada Escola B). A escola da rede particular, de orientação religiosa, situa-se num bairro de classe média de Salvador, e oferece formação do ensino infantil ao ensino médio, contando com cerca de 1.200 estudantes, com funcionamento nos turnos matutino e vespertino. Por sua vez, a escola da rede estadual, localizada no Subúrbio Ferroviário, oferece formação do ensino fundamental ao ensino médio, com aproximadamente 800 estudantes matriculados, funcionando nos três turnos.

Para a realização da pesquisa, foi utilizado como instrumento de coleta de dados um questionário estruturado composto de 18 questões, sendo 14 perguntas com respostas de múltiplas escolhas e 04 perguntas com respostas abertas para possível identificação das práticas de *bullying* no cotidiano escolar.

Nessa pesquisa participaram na Escola A 42 estudantes da 8ª série (9º ano) do ensino fundamental, da rede privada de ensino, com idades entre 13 e 15 anos, sendo 19 do sexo feminino e 23 do sexo masculino; 18 estudantes do 1º ano do ensino médio, com idades entre 15 e 16 anos, sendo 11 do sexo feminino e 07 do sexo masculino; 19 estudantes do 3º ano do ensino médio, com idades entre 17 e 18 anos (incompletos), sendo 13 do sexo feminino e 06 do sexo masculino. Da Escola B participaram 56 estudantes da 8ª série (9º ano) do ensino fundamental, com idades entre 16 e 17 anos, sendo 22 do sexo feminino e 34 do sexo masculino, 16 estudantes da 7ª série (8º ano) do ensino fundamental, com idades entre 14 e 16 anos, sendo 09 do sexo feminino e 07 do sexo masculino.

Sendo assim, a amostra de referência para a presente pesquisa foi composta por 151 estudantes, sendo que os questionários foram respondidos por 74 estudantes do sexo feminino e 77 do sexo masculino.

Pesquisas realizadas pela Unesco com jovens de diversas cidades do Brasil permitiram verificar que aproximadamente 60% dos jovens na faixa dos 14 aos 19 anos de idade já foram vítimas de algum tipo de violência nas unidades escolares nos últimos anos (NOGUEIRA, 2005). Alguns dos dados coletados na Escola A mostram que essa premissa revela-se recorrente, pois a idade dos estudantes pesquisados variou de 13 a 18 anos, sendo que 05 alunos têm 13 anos, 21 alunos têm 14 anos, 25 possuem 15 anos, 09 possuem 16 anos, 10 possuem 17 anos e 09 possuem 18 anos.

Na Escola B, por seu turno, os dados levantados revelam que a existência de relações sociais não amistosas, e marcadas pela agressividade e violência independem da idade, pois 24 alunos possuem 16 anos, 32 possuem 17 anos, 08 possuem 15 anos e 08 possuem 16 anos e, dentre esses, todos relataram ter vivenciado alguma espécie de prática violenta no interior e/ou entorno da unidade escolar.

Sabe-se que o *bullying* pode implicar na desestabilização da identidade e na perda de segurança de alguns dos estudantes e, em decorrência disso, produz-se uma transformação crucial no psiquismo do indivíduo atingido, conduzindo-o muitas vezes à destruição da sua imagem (BIRMAN, 2006). Alunos entrevistados da Escola A destacaram duas formas de violência permeando a escola: (a) física, em que se destacam as brigas, agressões físicas, furtos dentre outros; e (b) não física, quando emergem ofensas verbais, ameaças e humilhações.

Como forma de violência física, o estudante Y, 14 anos, matriculado na 8ª série (9º ano) na Escola A, compartilha uma experiência vivenciada no interior da escola: “tive o módulo rasgado

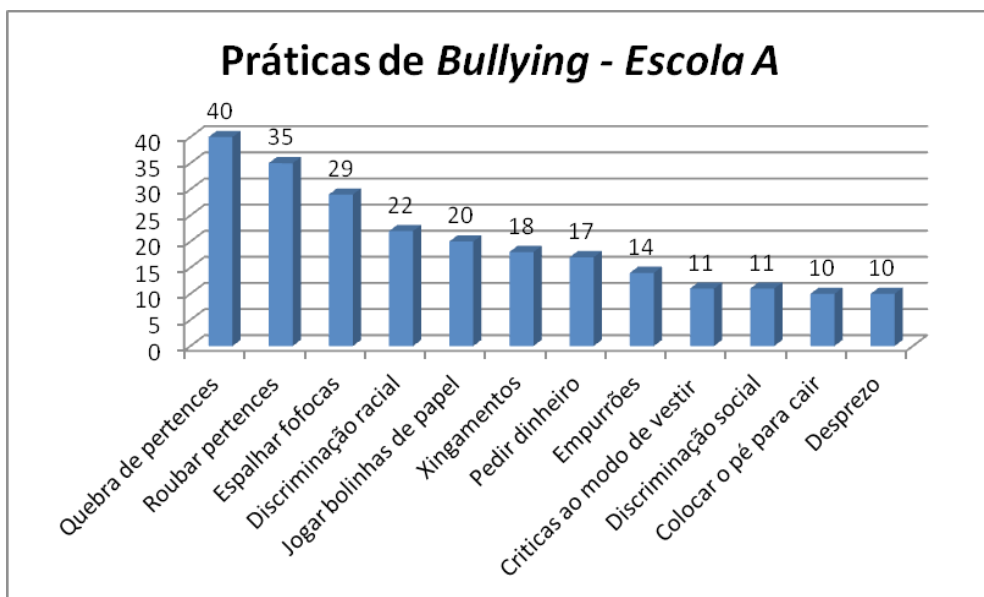
e o tênis roubado, que estavam ao lado do gol, na quadra da escola!”. Já o estudante X, 16 anos, matriculado no 1º ano do ensino médio, na Escola B relata que: “sumiu dinheiro da minha mochila, estojo e até meu celular que deixei na sala e já vi rasgarem módulos, cadernos, riscarem livros”. E uma das estudantes, Z, 14 anos, matriculada na 1º ano (Escola A) informa que “tem meninos que pegam a mochila e jogam no lixo, colocam o pé pra gente cair, dão pancadas sem quê nem pra quê e ainda colocam apelidos na gente”.

Uma das ações que estão presentes na prática de *bullying* é o ato de colocar apelidos que geralmente chamam atenção para alguma característica que sirva de foco para agressões, tais como: obesidade, baixa estatura, deficiência física ou aspectos culturais, étnicos ou religiosos. O que se verifica é que esses estudantes são alvos mais visados e se tornam mais vulneráveis ao *bullying*, por possuírem algumas dessas características específicas (LOPES NETO; MONTEIRO FILHO; SAAVEDRA, 2007). No que se refere ao recebimento de apelidos depreciativos e constrangedores, 45% dos estudantes disseram ter sido vítimas, 45% afirmam não terem sido alvos de apelidos, enquanto 10% deles não responderam.

Para Fante (2005) essas formas de violência perpetradas no interior do parque escolar vêm contribuindo para o crescente aumento de estudantes envolvidos com drogas e porte de armas, provavelmente na busca de encorajamento para enfrentar seus agressores, uma vez que a escola tem se tornado palco de ameaças para muitos estudantes.

Dentre as práticas de violência vivenciadas no interior da escola, constatou-se que, na Escola A, os estudantes caracterizam como *bullying* atitudes como: críticas ao modo de vestir, empurrões, xingamentos, quebra de pertences, espalhar fofocas, jogar bolinhas de papel com corretivo dentro para machucar, colocar o pé para as pessoas caírem (principalmente meninas e estudantes menores), roubar os pertences, desprezar quem não usa tênis ou roupas de marca, dar dinheiro para não apanhar e desprezar quem é negro ou pobre (Gráfico 1).

Gráfico 1: Práticas de violência vivenciadas no interior da Escola A

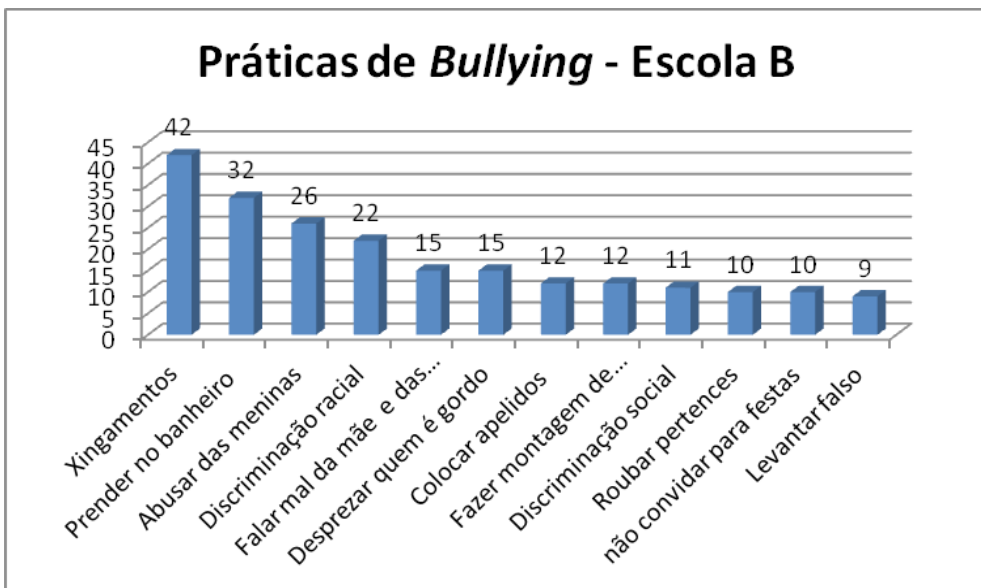


Fonte: Pesquisa própria, 2012.

Já os estudantes da Escola B relacionaram como *bullying* as seguintes práticas: prender as pessoas no banheiro e só deixar sair depois que pagam, xingar quem é gordo, magro ou negro, abusar das meninas que têm cabelo duro (crespo), chamando o cabelo delas de “bombril”, falar mal da mãe e das irmãs, dizer que está “pegando” a mãe ou a irmã para os colegas ficarem com raiva e aí sair para a briga, excluir ao não convidar para as festas, colocar apelidos que machucam (baleia, taboca, branca azeda, papel, tucano, dedinho, capenga, dentão, *nerd*, Parmalat, loira oxigenada, piolho, testa de arromba navio) e fazer montagem de fotos e espalhar pela escola (Gráfico 2).

A concepção do projeto político pedagógico como um instrumento consistente da gestão escolar propõe uma escola voltada para interesses capazes de conferir identidade a essa instituição e, na presente coleta de dados, pesquisou-se como as equipes gestoras das duas escolas analisadas contemplam no seu planejamento a análise e prevenção da violência. Nesse sentido, coube indagação sobre se tais ações foram contempladas e quais estratégias de intervenção e prevenção contra o *bullying* são efetivamente executadas.

Gráfico 2: Práticas de violência vivenciadas no interior da Escola B



Fonte: Pesquisa própria, 2012.

O corpo técnico da Escola A apresentou o projeto político pedagógico como ferramenta de participação e valorização do espaço escolar, e tinha nas suas diretrizes a necessidade de influenciar na qualidade de ensino, no desempenho dos estudantes e na valorização dos vínculos afetivos para o fortalecimento da confiança mútua, o que iria favorecer o processo de construção do conhecimento e o respeito às diferenças.

De acordo com Fante (2005) o tipo de convivência entre os estudantes e entre eles e toda a equipe escolar tem grande influência no processo socioeducacional. Também, a equipe gestora das unidades escolares não deve esquecer que ao apresentar seu projeto pedagógico, este não apenas deve prever a transmissão dos conteúdos, mas contemplar estratégias de intervenção que preconizem os valores humanos da tolerância e da solidariedade.

A Escola A reconhece a existência de situações que geram desconforto, violência e intolerância, tais como o despreparo de parte do corpo docente para o enfrentamento de situações de conflito e as relações interpessoais desarmonicas como fatores que inviabilizam o desenvolvimento das

habilidades e competências básicas necessárias para o pleno exercício da capacidade de aprender e continuar aprendendo. Como uma das ações pedagógicas que contribuiriam para minimizar tal situação, foi apresentado um projeto cujo objetivo seria melhorar o desempenho acadêmico dos alunos e sua consciência crítica e social, além de promover o aperfeiçoamento de 100% da equipe escolar para melhorar o relacionamento interpessoal; porém, a despeito da validade da proposta, não havia nenhuma descrição de como essas ações seriam realizadas.

Na concepção de Zanini (2008), a eficácia e operacionalização do projeto político pedagógico e conseqüentemente das ações pedagógicas nele previstas, estão diretamente relacionadas ao comprometimento da comunidade escolar e essas ações não podem ficar apenas na intencionalidade, ou seja, no campo das ideias, mas precisam ser viabilizadas e isso acontecerá a partir da definição do que fazer, por que fazer, como fazer e quem vai fazer.

Os gestores da Escola B, ao elaborarem seu planejamento, correlacionaram que no dia a dia alguns estudantes apresentam ausência de limites, descrença em justiça social e uma convicção de que só é possível obter tal justiça pelas próprias mãos. No diagnóstico efetuado, indicaram que no interior das escolas há certa tendência à formação de gangues, cujos territórios são demarcados e estudantes opõem-se contra outros estudantes, além de reinar entre eles uma convivência próxima com drogas, gerando um aumento crescente da agressividade entre esses mesmos jovens.

Foi possível identificar no planejamento pesquisado a sinalização de que a ausência da participação efetiva e do acompanhamento dos pais na vida acadêmica dos seus filhos agrava ainda mais a banalização da violência no ambiente escolar, pois alguns alunos, além de serem indisciplinados, têm baixa frequência durante o ano letivo, logo, não tem sido possível alcançar o objetivo central desse planejamento, que é o desenvolvimento pleno dos estudantes, através da melhor qualidade do processo de ensino e aprendizagem, ao favorecer a formação de sujeitos ativos, autônomos e participativos.

Na proposta apresentada no PPP da Escola B foram elencadas algumas ações que poderiam minimizar a existência da violência escolar, tais como: saber respeitar o próximo, proporcionar o bem estar coletivo, fortalecer a solidariedade e a cooperação no trabalho educativo, tornando a escola um espaço de acolhida e de pertencimento. Contudo, não há nenhuma especificação de como, quando, por quem e de que forma tais ações poderiam ser realizadas.

A falta da aplicação de ações – previstas, porém não executadas – que visam a prevenção dos atos violentos vivenciados no ambiente educacional mostra, indubitavelmente, que é preciso repensar não apenas a escola, mas a atuação dos gestores enquanto promotores de um ambiente democrático e socializador. Diante desse panorama, emerge a necessidade de se redirecionar as práticas pedagógicas para a inclusão, no PPP, da reflexão, da discussão e do entendimento de conceitos como identidade (cultural e social), alteridade, diferença, gênero, etnia, sexualidade, intolerância, preconceito, discriminação, violência, dentre tantos outros (CAMACHO, 2001).

Considerações finais

O enfrentamento da violência, em qualquer um dos seus aspectos, é, em primeiro lugar, questão de cidadania, de promoção dos direitos humanos e sociais, e a participação de toda a sociedade no enfrentamento desse desafio é a mudança substancial que se apresenta para descobertas de novas formas mais felizes de vida.

A perspectiva de prevenção à violência contra crianças e adolescentes é o grande desafio da escola, família e sociedade. As instituições de educação devem reconhecer a extensão e o impacto gerado pela prática de *bullying* entre estudantes e desenvolver medidas para reduzi-la de forma mais imediata possível para que uma cultura de paz e aceitação do diferente seja construída de forma participativa e democrática, entre todos os atores envolvidos.

Não há mais dúvidas de que é preciso ampliar e/ou fortalecer os laços de convivência no ambiente escolar, contribuindo, assim, para que as pessoas que dele fazem parte possam exercer plenamente sua cidadania, respeitando as diferenças, fortalecendo a comunicação, problematizando as demandas e promovendo as soluções que se fizerem pertinentes.

Em síntese, será por meio da construção de uma articulação coletiva que responderemos às possíveis demandas e desafios que, porventura, se apresentarem no que concerne à prevenção da violência no cotidiano das escolas, e algumas habilidades serão de fundamental importância para que se possa alcançar pleno êxito na resolução desse fenômeno: saber atuar em equipe, valorizar a participação das outras pessoas, ser ético nas relações ou convivências, ser flexível e criar uma atmosfera pedagógica positiva.

Uma variável importante para o sucesso e eficácia do combate ao *bullying* é levar sempre em conta o aspecto histórico, pessoal e social de cada um dos sujeitos ali presentes (as histórias de vida, os valores, visão de mundo, crenças e sonhos, dentre outros), que muitas vezes diferem de pessoa para pessoa, e é somente considerando a individualidade de cada um desses sujeitos que se poderá criar uma sintonia, no qual o grupo fortalecido e em comunhão somará esforços para que a plenitude do sucesso seja construída por todos os envolvidos.

Para tanto, é preciso estimular a comunidade escolar para que crie um espaço de convivência democrática na escola e que sejam cultivadas as relações interpessoais, onde seja possível:

- respeitar as diversas individualidades;
- criar e socializar regras comuns que norteiem as relações vividas no âmbito escolar;
- fomentar as relações de cooperação, baseadas e reforçadas no respeito mútuo entre todos os envolvidos no processo;
- organizar o convívio dentro da escola de maneira que os conceitos de justiça, respeito e solidariedade sejam vivificados e compreendidos.

Dessa maneira, o exercício da cidadania não se traduzirá apenas pela defesa dos próprios interesses e direitos (embora tal defesa seja legítima), mas passará necessariamente pela solidariedade (atuar contra injustiças ou injúrias que outros possam estar convivendo). O desafio a ser enfrentado será valorizar o diálogo como instrumento de comunicação na produção coletiva de ideias e na busca de soluções de problemas, estimulando as pessoas a se sentirem capazes de expor os pensamentos e opiniões de forma a serem entendidas, convidando-as a exercerem uma efetiva empatia a fim de compreender seus sentidos e razões, e assim poderem perceber e respeitar diferentes pontos de vista nas situações de convívio.

Espera-se que, futuramente, pesquisas como a do presente trabalho possam contribuir para a definição de ações que culminem com o enfrentamento dos problemas relacionados ao *bullying*. Reconhece-se, no entanto, a necessidade da continuidade do estudo voltado para a ligação entre violência escolar e outros temas, tais como *Ética na Escola*, *Escola Cidadã*, *Promoção das Relações Sociais na Escola*, *o Papel da Ronda Policial Escolar nas Escolas* e *Violência e Democracia*, os quais poderão ser oportunamente pesquisados, trazendo maiores possibilidades de continuidade à investigação desta temática.

Referências

ABREU, M. V. O Problema da violência e o desafio cultural do nosso tempo. *Revista Portuguesa de Psicologia*, Oliveira do Bairro, Aveiro, n. 31, p.89-123, 1996.

BALLONE, G. J. *Maldade da Infância e Adolescência: Bullying*. São Paulo: PsiqWeb, 2005. Disponível em: <<http://virtualpsy.locaweb.com.br/index.php?art=372&sec=20>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

BEAUDOIN, M. N.; TAYLOR, M. *Bullying e desrespeito: como acabar com essa cultura na escola*. Tradução: Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BIRMAN, J. *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

BRAGA, R. *O Poder da Gentileza: o modo como você trata as pessoas determina quem você é*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2010.

CAMACHO, L. M. Y. As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 27, n. 1, p.123-140, jan./jun.2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v27n1/a09v27n1.pdf>>. Acesso em: 29 fev. 2013.

CARAMANTE, André. Executivo da Yoki é esquartejado. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 05 jun. 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/47006-executivo-da-yoki-alimentos-e-esquartejado.shtml>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

CARNEIRO, P. A. C. *Escola e Empresa: Um só caminho. Orientações para ampliar a visão dos profissionais da educação*. São Paulo: Biblioteca 24 Horas, 2011.

CUNHA, C. H. L.; LEMOS, D. V. S. *Grupo: o poder da construção coletiva*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2010.

FANTE, C. *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 2. ed. rev. e ampl. Campinas: Verus, 2005.

LOPES NETO, A. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *J Pediat.*, Rio de Janeiro, v. 81, n. 5, p. 164-172, nov./2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2013.

LOPES NETO, A. A.; MONTEIRO FILHO, L.; SAAVEDRA, L. H. (Coords.). *Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes*. Rio de Janeiro: Observatório da Infância, 2007. Disponível em: <<http://www.observatoriodainfancia.com.br/IMG/pdf/doc-154.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2013.

MARRIEL, L. C. et al. Violência escolar e auto-estima de adolescentes. *Cad. Pesquisa*, São Paulo, v.36, n.127. jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v36n127/a0336127.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2013.

MORAES, M. C. M. Recuo da teoria: dilemas da pesquisa em educação. *Revista Portuguesa de Educação*, Lisboa, v. 14, n. 1, p. 7-9, 2001.

NOGUEIRA, R. M. C. P. A. A prática de violência entre pares: o bullying nas escolas. *Revista Ibero-Americana de Educação*, n. 37, jan./abr. 2005. Disponível em: <<http://www.rioei.org/rie37a04.htm>>. Acesso em: 28 jan. 2013.

PALÁCIOS, M.; REGO, S. Bullying: mais uma epidemia invisível? *Rev. bras. educ. med.*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbem/v30n1/v30n1a01.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2013.

PINTO, L. G. O. Elaborando o Projeto Pedagógico: 2. Dezesesseis Passos para a Construção do Projeto Pedagógico. *Revista Pedagógica*, São Paulo, Sindicato de Especialistas em Educação do Magistério Oficial do Estado de São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.udemo.org.br/RevistaPP_01_02Dezesesseis%20Passos.htm>. Acesso em: 05 mar. 2013.

REBELO JÚNIOR, S. L. *Bullying: Uma realidade cruel no contexto escolar*. Bauru, 2005. Disponível em: <<http://www.profala.com/arteducesp120.htm>>. Acesso em: 13 out. 2012.

RISTUM, M. As causas da violência. *Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais (GIS)*, Rio de Janeiro, n. 4/5, p. 32-42, fev./out. 2005. Disponível em: <<http://www.ltds.ufrj.br/gis/anteriores/rvgis5.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2013.

SANTANDER, C.A. *Bullying Opiniones Reunidas*. La Ciberconvivencia de los Estudiantes. Observatório sobre la Violencia y Convivencia en la Escuela. Lima, Peru, 2013.

ZALUAR, A. LEAL, M. C. Violência Extra e Intramuros. *RBCS*, v. 16, n. 45, fev. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcso/v16n45/4335.pdf>>. Acesso em: 07 fev. 2013.

ZANINI, W. M. S. O Papel do Projeto Político Pedagógico na Gestão Democrática da Escola. *Gestão em Rede*, Brasília, n.88, p.14-20, set./2008.

WENDT, G. W.; CAMPOS, D. M.; LISBOA, C. S. M. Agressão entre pares no espaço virtual: definições, impactos e desafios do cyberbullying. *Psicologia Clínica*, v. 25, n. 1, Rio de Janeiro/2013 Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?>>. Acesso em: 14 mar. 2013

Recebido em julho de 2013.
Aprovado em janeiro de 2014.